



## O processo de Kafka

Cláudio Feldman\*

Santo André, Brasil

claudiofeldman@uol.com.br

*À memória de minha avó materna, Sarah Spielmann Berger, que era tcheca e parente (distante) de Kafka.*

O *processo*, de Franz Kafka,<sup>1</sup> foi escrito na época da 1ª Guerra Mundial, mas só publicado, postumamente, em 1925, pelo amigo Max Brod que, contrariando a vontade do ficcionista, não queimou este e outros originais.

*Der process*, como o restante da obra de Kafka, tem desafiado tanto a sagacidade dos críticos literários como de psicólogos, filósofos, sociólogos e até teólogos. Daí a imensa bibliografia de variadas interpretações que tentam alcançar a complexidade da obra, vasto símbolo, parábola, alegoria. Porém, essas formas figuradas postulam, por definição, um significante e um significado. Qual o significante, não é difícil saber.

Joseph K., o anti-herói, é um jovem de vida banal, honesto e honrado. De repente, torna-se um acusado, com um processo sobre os ombros: não sabe de quê nem por quem ou perante qual tribunal. Irá buscar interminavelmente uma elucidação do mistério de sua culpa, dos termos exatos de seu “crime”, procurar Aquilo ou Aquele que mantém sua vida em suspenso. E nada, nem ninguém, consegue esclarecê-lo: polícias, advogados, oficiais de diligências e juízes de instrução não passam de autoridades subalternas. Os Juízes do Supremo – ou o Juiz Supremo – ninguém os viu e, pelo ritmo que as coisas vão, ninguém os verá. Só resta a notificação.

O acusado passa e repassa, sem cessar, por um labirinto de repartições, no qual se administra uma estranha justiça e formigam os réus de toda espécie. Joseph K. bate em todas as portas que possam dar abertura para o Tribunal da Última Instância.

Em vão.

Desconhecida e implacável, a acusação continua a dilatar-se sobre o pobre, até o desfecho, absurdo, em que morre “como um cão”, numa pedreira, às mãos de dois enigmáticos carrascos.

---

\* Professor, escritor e roteirista.

<sup>1</sup> KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução e posfácio: Modesto Carone. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.



Que significa essa estranha história, que, antes do desenlace, os episódios poderiam se multiplicar, em sua teia, indefinidamente?

Começam aqui as dificuldades.

Há a interpretação psicanalítica/psiquiátrica, a sociológica e a metafísica. A vida e o destino de Kafka foram dominados pela figura do Pai, um homem implacável, autoritário, seguro de si, sem crença nem em Deus nem no Diabo, mas também sedutor – ambíguo –, à frente do qual se move o filho, condenado como um “ser débil, incerto, temeroso e inquieto.”

Segundo a explicação psicanalítica, o “caso” de *O processo* seria apenas a história, objetivada em mito, de um recalcadíssimo complexo de culpa, da culpa existencial de um débil frente a um forte.

Um fraco que procura igualar-se àquele que, para ele, é “a medida de todas as coisas”, de um débil cuja força consiste em interrogar sem a obtenção de uma resposta, de um frágil que toda vida se sentirá interpelado: “Tu quem és?”

Para outros, toda a questão e todo clima de *O processo*, essa sufocante atmosfera em que o real e o imaginário parecem se confundir no mesmo absurdo e na mesma fluidez sem contornos, teriam a sua explicação no contexto histórico de Praga do tempo dos Habsburgos.

Na absurda cidade provinciana da dupla monarquia austro-húngara, com seu exército de burocratas, solenes e pegajosos, com a sua espionagem, com seu imperador macróbio e ausente, com as comunidades, separadas pela língua, raça, religião, usos e costumes, em particular o gueto judaico, Kafka se sente condenado a viver uma situação de acusado pelos antissemitas, explícitos ou implícitos.

Daí a sutilíssima narrativa de *O processo*, ousado dizer, uma premonição profética do universo concentracionário em que o homem se converte em objeto para o homem, algo risível, joguete sem respeito, dignidade e nome.

Em terceiro lugar, a interpretação metafísica.

Nela, duas orientações opostas: a dos que, em *O processo*, nada mais encontram do que o símbolo da condição humana como total absurdo – tal como em Sartre e Camus – e a dos que na obra descortinam a parábola do dogma do pecado original, admitindo, portanto, um sentido altamente religioso, como, entre outros, Max Brod, o principal artífice da glória de Kafka.

As três interpretações (psicanalítica/psiquiátrica, sociológica e metafísica), é bom frisar, podem coexistir e ser verdadeiras. Não, evidentemente, enquanto exclusivas. Verdadeiras em planos não apenas superpostos, mas interferentes.



Enfim, Kafka, judeu de origem e de educação, teve sua fé bastante abalada pelas circunstâncias de sua vida, mas não a perdeu totalmente e o levou, por intermédio de suas experiências com o absurdo, a procurar um sentido para a sua existência. Foi ela que lhe deu ânimo para escrever no final de *O processo*:

A lógica é na verdade inabalável, mas não resiste a um homem que quer viver. Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal que ele nunca alcançara? Levantou a mão e estendeu os dedos.<sup>2</sup>

-----

Recebido em: 23/04/2023.

Aprovado em: 28/04/2023.

---

<sup>2</sup> KAFKA, 2005, p. 256.